

PREVALENCIA DE DOENÇAS INFECCIOSAS QUE ACOMETEM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL PÚBLICO

Lidiane Monte Lima (bolsista do PIBIC/CNPq), Amanda Maria da Conceição Moura (colaboradora, Depto de enfermagem - UFPI), Maria Eliete Batista Moura (Orientadora, Depto de Enfermagem – UFPI), Benevina Maria Vilar Teixeira Nunes (Co-orientadora, Depto de Enfermagem – UFPI)

1 INTRODUÇÃO

As ações de saúde do trabalhador passam por um processo de amadurecimento e difusão, derivado da configuração do SUS e de suas relações com o movimento sindical, com instâncias do Ministério da Previdência, do Trabalho e do Meio Ambiente, com setores empresariais, corporações técnicas, aparatos formadores técnico-científicos e agências de regulação envolvidas de forma mais próxima na interação da saúde com o trabalho (MACHADO, 2005).

Atualmente o cenário de adoecimento e agravos à saúde dos trabalhadores propiciado pela desorganização laboral é resultado de fatos como a reestruturação produtiva e a globalização, que têm gerado a precarização do trabalho, caracterizada pela desregulamentação e perda dos direitos trabalhistas e sociais e a legalização do trabalho temporário. Conseqüente a isto, percebe-se o aumento da informalidade, do subemprego, da intensificação e/ou aumento da jornada laboral. Estes e outros fatores têm culminado com a deterioração das condições de saúde ocasionando adoecimento e acidentes de trabalho (ROBAZZI *et al.*, 2006).

Diante desta problemática, este estudo tem como objetivo geral investigar a prevalência das doenças infecciosas que acometem os profissionais de enfermagem de um hospital público de Teresina (PI), podendo contribuir para a identificação dessas doenças e tratamento precoce, seus prognósticos e as possibilidades de cura dos profissionais para retomarem o trabalho sem maiores prejuízos para si mesmo e para o serviço.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem quantitativa, que foi realizado em um Hospital público e de ensino localizado na cidade de Teresina, no Estado do Piauí, que possui 116 leitos para internação e oito leitos na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). O cenário de pesquisa foram todas as áreas do referido hospital. A população constituiu-se pelos profissionais de Enfermagem do hospital e a amostra pelos profissionais de Enfermagem que foram acometidos por doenças infecciosas. Os dados foram coletados no período de janeiro de 2011.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas referentes à prevalência das doenças infecciosas que mais acometem os profissionais de enfermagem. O questionário está estruturado com questões fechadas (lista de respostas pré-codificadas).

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPI, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 0356.0.045.000-10, e com data de aprovação no dia 07/12/10. Aos participantes foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem, a não

estigmatização e a não utilização de informações em prejuízo dos profissionais, conforme os princípios norteadores dispostos na Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As doenças infecciosas emergentes, segundo as publicações dos Centros de Controle de Doenças (CDC), dos Estados Unidos, podem ser definidas como as infecções que têm aparecido recentemente em uma população ou que já existiam, mas têm aumentado rapidamente em incidência e alcance geográfico. Elas podem ocorrer pela introdução do agente etiológico em outras espécies ou como uma variante de uma infecção humana existente, seguida pelo seu estabelecimento e rápida disseminação dentro de uma nova população hospedeira. Sua ocorrência também é provocada pelo reconhecimento do caráter não-detectável de uma infecção que já estava presente na população e da origem infecciosa de uma doença estabelecida (GRISOTTI, 2010).

Em virtude do que foi abordado anteriormente e diante do estudo realizado em um hospital especializado em doenças infecto-contagiosas, constatou-se que esse possui 173 funcionários, dentre eles, 143 foram entrevistados, uma pessoa recusou-se a participar da pesquisa e 29 estavam de férias ou licenças médicas. Conforme perfil identificado desses trabalhadores, as variáveis em destaque são, na faixa etária, de 31 a 40 anos com 34,2%, no gênero, o feminino com 93%, no nível de escolaridade, os técnicos de enfermagem estão em maior número, com 63,6%, tempo de serviço, de 11 a 20 anos com 32,8%, e setor trabalhado, os demais, exceto a UTI, com 74,1%.

Dos 143 profissionais estudados, 81,12% não adquiriram nenhuma doença infecciosa, enquanto que 18,88% adquiriram. Portanto, o trabalho de enfermagem está susceptível a periculosidade e a insalubridade, que são caracterizadas pela exposição a microrganismos patogênicos, a radiações e a substâncias tóxicas, entre outros agentes. Além disso, esses profissionais possuem grande quantidade de atividades que exigem esforço físico, más condições do ambiente de trabalho e tensões nas relações interpessoais. Nesse contexto, o ambiente pode ser um agente catalisador do processo de desgaste do trabalhador, culminando em doenças infecciosas (GEHRING JUNIOR *et al.*, 2007).

Constatou-se, ainda, que 25% dos profissionais entrevistados foram acometidos por gripe, 6,25% por pneumonia, 3,125% por H1N1, 40,625% por infecção de garganta, 3,125% por tuberculose, 3,125% por infecção ocular, 3,125% por meningite viral, 9,375% por micose, 3,125% por sarampo e 3,125% por caxumba.

4 CONCLUSÃO

Os profissionais de enfermagem estão expostos, diariamente, a riscos ocupacionais, biológicos, químicos, físicos, ergonômicos e psicossociais, e por meio dessas probabilidades de danos aos trabalhadores é que pode haver a aquisição de doenças infecciosas. Esses agravos podem gerar conseqüências tanto físicas como emocionais, levando ao absenteísmo desses

profissionais, o que prejudica também a instituição na qual trabalha e o paciente, pois a empresa ficará com o corpo de enfermagem deficiente, além disso, um trabalhador que não possui qualidade de vida irá repercutir na assistência aos clientes.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde - CNS. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos**. Resolução nº 196/96 – Brasília: CNS, 1996.

GEHRING JUNIOR, G. *et al.* Absenteísmo-doença entre profissionais de enfermagem da rede básica do SUS Campinas. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v.10, n.3, set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415790X2007000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 julho 2011.

GRISOTTI, M. Doenças infecciosas emergentes e a emergência das doenças: uma revisão conceitual e novas questões. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>> Acesso em: 09 dezembro. 2010.

MACHADO, J.M.H. **A propósito da Vigilância em Saúde do Trabalhador**. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, out/dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>> Acesso em: 04 maio. 2010.

ROBAZZI, M.L.C.C. *et al.* Acidentes de Trabalho Identificados em Prontuários Hospitalares. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 5, n. 3, set./dez. 2006. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/>> Acesso em: 04 maio. 2010.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador. Prevalência. Doenças Transmissíveis.